

A disputa política pela amarelinha: narrativas midiáticas sobre o “dessequestro” da camisa da seleção brasileira de futebol¹

Marcelo Alves de Resende²

Leda Maria da Costa³

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro

Resumo: Objetiva-se analisar a cobertura da Copa do Mundo de 2022 feita pelos jornais *O Globo* e *Folha de São Paulo*. Pretende-se investigar como foi abordada a forte associação entre o uniforme da seleção masculina e a extrema-direita, no Brasil, fenômeno gradativamente construído desde as chamadas jornadas de junho de 2013. Essa associação foi compreendida por Guedes e Silva (2019) como sendo o “segundo sequestro” da verde-amarelo. Os resultados iniciais deste trabalho apontam para alguns esforços, dos jornais em questão, daquilo que denominamos de “dessequestro”, ou seja, a tentativa de narrativamente dissociar a camisa da seleção masculina da extrema-direita.

Palavras-chave: Sequestro; Dessequestro; Seleção brasileira; Futebol; Jornalismo.

Introdução

No século XX, a extrema-direita usou o esporte e o futebol para promoção de seus ideais, como aconteceu na Itália fascista, na Alemanha nazista e nas ditaduras da Argentina e do Brasil (Magalhães, 2014), por exemplo. Com Jair Bolsonaro, não foi diferente. Além do sequestro da amarelinha, Bolsonaro usou dezenas de camisas de clubes brasileiros, participou de cerimônias de premiação de competições nacionais e usou a imagem do Flamengo, clube de maior torcida do Brasil, para suas táticas populistas⁴. Assim, no futebol, já a partir da Copa de 2018, na Rússia, houve conflito de sentidos em relação à camisa verde e amarela da seleção brasileira. Mas vale recuperar que até chegar a esse momento, os símbolos nacionais já eram usados pela direita nas eleições de 2014 (Aécio Neves e PSDB) e, especialmente, nos protestos de 2015 pelo impeachment de Dilma Rousseff e nas eleições de 2018 por apoiadores de Bolsonaro. No

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Pesquisador do Lacon. E-mail: mar.marceloresende@gmail.com

³ Professora adjunta da Faculdade de Comunicação Social (FCS) da Uerj. Pesquisadora do Leme. E-mail: ledamonte@hotmail.com.

⁴ O GLOBO: Aliado de Bolsonaro, Landim escancara uso político do Flamengo. Disponível em: > <https://oglobo.globo.com/blogs/bernardo-mello-franco/noticia/2022/10/aliado-de-bolsonaro-landim-escancara-uso-politico-do-flamengo.ghtml> <. Acesso em: 18 jul. 2024.

entanto, em 2022, vamos chegar a outro contexto influenciado também pelas eleições presidenciais com o retorno de Lula ao tabuleiro político.

Os símbolos nacionais e a estima pela tradição são um importante instrumento de legitimação político-ideológica, embora não sejam elementos definidores de uma época ou peculiar de uma organização política específica. Mas são características importantes de ditaduras políticas. No Brasil, conforme Guedes e Almeida (2019) assinalaram, a ditadura civil-militar que governou o país entre 1964 e 1985 fez amplo uso das cores e dos símbolos nacionais a fim de promover o nacionalismo e suprimir os desejos individuais do cidadão em nome da nação. Guedes definiu esse momento da ditadura militar brasileira como o primeiro sequestro do verde e amarelo (Guedes e Almeida, 2019), quando o governo autoritário define quando, como, onde e por que usar os símbolos nacionais⁵. Os referidos autores retomam essa discussão a partir das “Jornadas de Junho”, de 2013, um evento que fez parte de um conjunto de acontecimentos políticos que intensificou a polarização política no país na última década. Durante a campanha nas eleições de 2018, Bolsonaro afirmou que tinha o objetivo de transformar o Brasil ao que era 40/50 anos atrás. Isto é, o então candidato fazia referências ao período da ditadura militar, dois anos depois de elogiar um torturador dentro do Congresso Nacional, durante a votação do impeachment de Dilma Rousseff. O apego a um suposto passado mítico é uma forte característica da extrema-direita (Eco, 2018; Stanley, 2019). O bolsonarismo fez amplo uso dos símbolos nacionais em manifestações, principalmente da camisa da seleção brasileira de futebol. Conforme aponta Matheus Reis (2021) em trabalho que investigou a representação midiática de manifestações políticas da direita e da extrema-direita na última década, com a apropriação bolsonarista, parte da população deixou de usar a camisa verde e amarela, por exemplo, por não mais se sentir representada. Como são símbolos nacionais cooptados por parte dos eleitores, expropriando outros, acontece o fenômeno do “segundo sequestro” do verde e amarelo, assim definido por Guedes e Almeida (2019). A camisa da seleção brasileira representa o sucesso do Brasil no mundo, pois carrega cinco títulos mundiais ao longo da história, sendo sinônimo de vitória e êxito. O futebol é posto, portanto, como uma ferramenta importante da sociedade brasileira (ou parte dela), que faz uso desse esporte como uma arena de disputas e de narrativas (Reis, 2021). Assim, a extrema-direita brasileira obteve sucesso ao impor que a camisa amarelinha representava

⁵ Sobre os símbolos nacionais, ver: JURT, Joseph. O Brasil: um Estado-nação a ser construído. O papel dos símbolos nacionais, do Império à República. SciELO, Mana: Estudos de Antropologia Social, v. 28, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: > <https://doi.org/10.1590/S0104-93132012000300003> < Acesso em: 13 jul. 2024.

apenas a ela (assim como outros símbolos nacionais, como a bandeira do país) e pavimentou, a partir de 2015 – quando organizou manifestações a favor do impeachment de Dilma Rousseff – o caminho para a extrema-direita, com Bolsonaro e seus apoiadores, sequestrar a camisa Canarinho.

Esta pesquisa propõe analisar o discurso da imprensa, especialmente nos jornais *O Globo* (RJ) e *Folha de S.Paulo* (SP), que atuou no debate acima referido com artigos, opinião de leitores e reportagens, durante a Copa do Mundo de 2022, que tinham como centro as questões em torno do sequestro da camisa Canarinho, promovendo uma intensa discussão a respeito do tema. O atual trabalho investiga como a imprensa tradicional se fez presente nessa discussão e qual era o entendimento dos veículos mencionados a respeito da ideia de sequestro e “dessequestro”. Iremos analisar as publicações diárias de *O Globo* e *Folha de S.Paulo* disponibilizadas no site dos veículos (mídia digital), considerando o período de 13 de novembro, uma semana antes do início do mundial, a 25 de dezembro, uma semana após o término. Esses veículos foram escolhidos porque são reconhecidamente os principais jornais das duas maiores cidades do país e os de maior circulação.

O sequestro e as tentativas de “dessequestro” nos jornais

Em 2022, múltiplos eventos vão acontecer na tentativa de recuperar a amarelinha e outros símbolos pátrios e retirá-los, ao menos, da exclusividade da extrema-direita. Importante ressaltar que o discurso de alguns grupos que desejam resgatar a camisa da seleção brasileira, e os símbolos nacionais que ela carrega consigo, não se dará pela tentativa de despolitizá-la, permitindo novas cooptações, mas parte da necessidade de fazer dela um símbolo que represente – mesmo que idealmente – o povo brasileiro em sua totalidade, não como um símbolo restrito e sequestrado por um grupo específico. Com a produção vasta de sentidos em ano de Copa, empresas encamparam diversas campanhas publicitárias a fim de, além de criar um clima de mundial, forjar uma imagem de união entre os brasileiros que estavam afastados por causa da política e popularizar a camisa amarela para retirá-la do domínio bolsonarista, com referências à favela, à diversidade étnica da população brasileira etc. (Resende, 2024), apesar do também interesse comercial. Personalidades como Anitta, Djonga e Ludmilla também encamparam o discurso de “dessequestrar” a camisa da seleção brasileira e retirá-la do poderio bolsonarista. Em abril, a seis meses das eleições e sete da Copa do Mundo, Anitta já abordava o assunto. Um mês antes, em evento realizado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) com lideranças da esquerda internacional, Lula empunhou a

bandeira nacional e afirmou “blusa e bandeira não são desse fascista”⁶. Como representante da esquerda, Lula associa-se aos símbolos nacionais e busca a narrativa de dissociá-los da exclusividade da extrema-direita.

Na cobertura jornalística dos jornais aqui selecionados, foram notáveis algumas tentativas de dissociar a camisa da seleção brasileira do bolsonarismo. Na fase de grupos da Copa, o Brasil venceu a Sérvia por 2 a 0 na estreia, com dois gols de Richarlison. No dia seguinte à vitória dos comandados de Tite na estreia, os veículos criam narrativamente um discurso de que a camisa Canarinho novamente pertenceria a todos, embora não houvesse unanimidade e ainda existissem discursos contrários ao seu uso pela associação ao bolsonarismo. Em mais uma demonstração de que o assunto estava tão em debate naquela ocasião, *O Globo* estampou já na capa o momento “sem divisão” da população brasileira. O jornal produziu um discurso de que não haveria mais divergências de cunho político na torcida pela seleção brasileira na Copa. O subtítulo “Resgate de um símbolo de todos” busca representar o sentimento nacional assim que a bola rolou e com a confirmação da vitória. Na legenda com torcedores vestidos de verde e amarelo, comemorando e se abraçando, representando a união do povo brasileiro, o jornal escreveu “Torcedores que estavam avessos ao uniforme Canarinho, por ser associado ao bolsonarismo, aproveitaram a estreia da seleção para retomar o uso da camisa” (*O Globo*, 25/11/2022, capa). O impresso carioca citou diretamente o verbo “retomar” em alusão à recuperação daquilo que havia sido sequestrado pela extrema-direita brasileira – um símbolo sinônimo de sucesso diante do mundo que representava toda a nação parecia, agora, “voltar para casa”. Na tentativa de dar um peso ainda maior ao possível resgate, o jornal usou a legenda “Mar amarelo, torcedores celebram em Copacabana” (*O Globo*, 25/11/2022, capa). A relação com a palavra “mar” não é à toa ou apenas pelos torcedores estarem na praia. *O Globo* conotou a imensidão do mar para se referir à quantidade grande de torcedores que usaram a camisa verde e amarela durante o jogo do Brasil, reforçada pela posição em que a foto foi tirada para dar destaque justamente ao grande número de pessoas de verde e amarelo. Uma construção de um novo sentido com a vitória em campo: a celebração e a euforia vistas na imagem da chamada fazem a associação de alegria do

⁶ UOL: 'Papel dos militares não é puxar saco do Bolsonaro', diz Lula. Disponível em: > <https://www.uol.com.br/eleicoes/2022/03/30/papel-dos-militares-nao-e-puxar-saco-do-bolsonaro-diz-lula.htm> <. Acesso em: 20 jan. 2024.

povo com a seleção brasileira e, conseqüentemente, com a camisa Canarinho, até então renegada por parte da população.

Na *Folha de S.Paulo*, Marina Izidro costuma falar sobre esportes. No dia 25, ela escreveu artigo intitulado “A amarelinha é de novo de todos”. Nele, afirmou sentir dificuldades em usar novamente a camisa do Brasil até chegar a um bar, em Londres, com brasileiros que estavam de verde e amarelo para torcer e não para usar como símbolo político. Marina Izidro constrói uma oposição entre Neymar e Richarlison, ao criticar o camisa 10 e a relação dele com Jair Bolsonaro e afirmar que Richarlison ajudou o Brasil a se unir ao marcar os dois gols da vitória na estreia. A colunista diz que o leitor talvez esteja saturado do debate acerca do sequestro da camisa amarela, o que é um indicativo que o assunto estava sendo bem explorado pela mídia na época, inclusive pelo jornal para o qual ela escreve.

Era tamanho o debate a respeito do uso da camisa da seleção brasileira que a *Folha* criou uma seção dentro das mensagens dos leitores só para discutir o tema. É o que podemos ver na edição do dia 27 de novembro na qual lança-se a pergunta “Você, leitor, voltou a usar a camisa do Brasil”, o jornal publicou 11 respostas de leitores de todas as regiões do Brasil: cinco leitores que responderam com argumentos para o “sim” e para o “não” e um que disse que “sim” e que “não”. Thamires Klein, do Rio de Janeiro (RJ), foi quem disse sim e não. Ela justificou o sim porque sempre torceu pelo Brasil, principalmente no vôlei, e não porque ressignificou a camisa verde e amarela que tem, ao escrever nela “sou só torcedora, não minion”. Mais uma que confirma o movimento de torcedores de dar novos significados à Canarinho para não serem confundidos com bolsonaristas. Luana Barreto, dentista de Uberaba (MG), afirmou que não, pois o ódio de quem usa a amarelinha nas ruas machuca muita gente. Por outro lado, o advogado Gabriel Neves, de Uberaba (MG), disse que nunca havia deixado de torcer pela seleção brasileira e que, com a vitória de Lula, os torcedores teriam mais chance de resgatar os símbolos nacionais. Vale ressaltar que todas as respostas selecionadas pelo veículo foram de pessoas que rejeitam o bolsonarismo, mesmo aquelas que voltaram a vestir a camisa amarelinha ou que nunca deixaram de usá-la por motivos políticos. Não houve resposta de alguém que se identificasse diretamente com o bolsonarismo, o que confirma que tanto O Globo e *Folha de S.Paulo* estavam interessados em criar uma narrativa pela retomada do uso do verde e amarelo e a torcida pela seleção, desvinculando-o da extrema-direita.

Considerações provisórias

João Ubaldo Ribeiro (1986) define política como o exercício de poder e as suas consequências dentro de um jogo de interesses diversos, sob a mediação do Estado. A política não é só na hora do sufrágio universal, ela está presente no dia a dia. O sequestro de símbolos nacionais para legitimar apenas a si, excluindo outros indesejados, é política, assim como a tentativa de “dessequestrar” esses símbolos. Interessante notar que tanto *O Globo* quanto *Folha de S.Paulo*, durante o período analisado, entenderam a retomada dos símbolos com significado apolítico, como se não pertencessem a ninguém, o que é perigoso, pois, futuramente, poderiam voltar a ser sequestrados novamente. Um exemplo notável é *O Globo* justificar o título da Argentina naquele mundial por não ter ocorrido politização da seleção de Messi. O sucesso argentino foi entendido como o modelo a ser seguido pelo Brasil, que politizava a seleção brasileira e os seus significados. Uma acepção antipolítica por desvalorizar a política. O que vai de encontro à concepção de “dessequestro” deste trabalho, que entende-a como a desvinculação total dos símbolos nacionais da extrema-direita, associando-os diretamente ao seu povo, especialmente os marginalizados (LGBTQIAPN+, negros, pobres, mulheres etc.), que são os corpos rejeitados pelo bolsonarismo em seu ideal de nação. Ou seja, por “dessequestro” não se entende a despolitização da camisa da seleção brasileira, retirando o caráter político de seus significados.

Referências

- ECO, Umberto. **O fascismo eterno**. Rio de Janeiro: Record, 2018.
- GUEDES, Simoni Lahud; ALMEIDA, Edilson Márcio. **O segundo sequestro do verde e amarelo: futebol, política e símbolos nacionais**. Cuadernos de Aletheia. La Plata, n. 3, 2019.
- MAGALHÃES, Livia Gonçalves. **Com a taça nas mãos: sociedade, Copa do Mundo e ditadura no Brasil e na Argentina**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.
- O GLOBO. **Resgate de um símbolo de todos**. O Globo, Rio de Janeiro, capa, 25 nov. 2022.
- REIS, Matheus. **Amarelo desbotado: crise e sequestro da camisa da seleção brasileira de futebol**. Ebook: 2021.
- RESENDE, Marcelo Alves de. **A amarelinha é de quem? Narrativas midiáticas para o “dessequestro” da camisa da seleção brasileira de futebol**. 2024. 171 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.
- STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo: a política do “nós” e “eles”**. Porto Alegre: L&PM, 2019.